



VII Simpósio Nacional de História Cultural  
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,  
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

**A CRUZADA SÃO SEBASTIÃO DO LEBLON E AS SUAS  
REPRESENTAÇÕES AO LONGO DE QUASE SEIS DÉCADAS DE  
HISTÓRIA.**

Thaiane Barbosa da Silva\*

O presente trabalho buscou analisar as representações existente sobre a Cruzada São Sebastião ao longo de sua existência. Com isso, foi realizada uma busca por diferentes periódicos desde 1950 até os dias atuais. Os periódicos foram levantados segundo consulta a base digital da Biblioteca Nacional – Hemeroteca Digital - . Para que pudéssemos encontrar resultados foram usadas a busca por palavras chaves , como: “Cruzada São Sebastião” , “Cruzada”, “Dom Helder Camara”. Ao total foram utilizados 7 periódicos, sendo eles: A Cruz, A Ordem , Jornal do Brasil , Diário de Notícias, A noite, Diário Carioca e Jornal O Globo.<sup>1</sup> A ideia de consultar o jornais surgiu como uma forma de estar trabalhando com algo que representa uma opinião sobre a sociedade. Acreditamos que o jornal possa ser uma boa fonte de pesquisa, pois dentro deles estão presentes muitas representações sobre inúmeros temas que se transformaram em “problemas sociais”. Sendo assim, a favela e a pobreza, entre outros temas, não poderiam ser deixados de fora por esse veículo de comunicação.

\* Bacharel em Ciências Sociais , Especialista em Política e Planejamento Urbano, Mestranda em Planejamento Urbano e Regional – IPPUR/ UFRJ

<sup>1</sup> Ressaltamos que esta pesquisa encontra-se em fase inicial, sendo apenas um pequeno ensaio, uma parte do que será apresentado posteriormente na minha dissertação.

## A FUNDAÇÃO CRUZADA SÃO SEBASTIÃO E O “PROBLEMA FAVELA”

Nossa análise sobre este trabalho inicia-se na década de 1950, mais precisamente em 1955, com a fundação da Cruzada São Sebastião, entidade esta de cunho Católico que visava, segundo jornais da época, urbanizar todas as favelas do Distrito Federal até o seu quarto centenário, ou seja, até 1965. A Fundação Cruzada São Sebastião é de extrema importância para este trabalho, pois, é através dela que futuramente será construído o objeto deste artigo, o Conjunto Habitacional Cruzada São Sebastião, pensado e idealizado pela fundação de mesmo nome do conjunto e inaugurado em 1957.

O grande idealizador da fundação foi Dom Helder Camara, Arcebispo do Rio de Janeiro, um grande personagem da corrente progressista da Igreja Católica brasileira, uma corrente preocupada com promoção da justiça social. Este acreditava que uma das funções da Igreja, além da questão espiritual, era assegurar uma vida digna aqueles que eram necessitados. Ou seja, seus ideais estavam voltados para a questão da pobreza no mundo e quais os impactos dela dentro dos países chamados de Terceiro Mundo.

O pensamento de Dom Helder sofreu grande influência de outros religiosos, como o engenheiro Louis-Joseph Lebret, padre francês conhecido mundialmente por trabalhar com questões sociais, como combate a fome e a pobreza nos países periféricos. Lebret partilhava da ideia de que a ação social deveria existir concomitantemente com a pesquisa científica, por isso foi fundador de centros de pesquisas que estudavam a questão do desenvolvimento social, como o *Instituto Internacional de Pesquisa e de Formação, Educação e Desenvolvimento*. e fundador de movimentos católicos como o *Economia e Humanismo*, criados na década de 40. Seus trabalhos se espalharam por muitos países como Colômbia, Senegal, Vietnam e Brasil.

No Brasil Padre Lebret realizou o primeiro estudo sobre favelas do até então Distrito Federal (RJ), curiosamente publicado por um jornal paulista, o relatório *Aspectos Humanos da favela carioca* – produzido pela SAGMACS<sup>2</sup>, importante relatório sobre a vida cotidiana dos moradores nas favelas, entre elas a favela da Praia do Pinto. O relatório é pioneiro não só por ser o primeiro relatório de favelas mas também por romper com a

# História Cultural

<sup>2</sup> Sociedade de Análises Gráficas e Mecanográficas Aplicadas aos Complexos Sociais.

noção da favela com um elemento unitário (com o termo favela no singular) e trazendo o reconhecimento desta como um elemento heterogêneo.<sup>3</sup>

Imbuído por esses ideais progressista que em 1955 Dom Helder funda a Cruzada São Sebastião, “a fim de dar moradia humana, decente e higienica a inúmeras famílias, quem vem vivendo à margem da sociedade, sem nenhum conforto, sem higiene, na mais triste promiscuidade” – “Miséria física e moral” . (Jornal A Cruz, 12/12/1959).

A questão da integração da favela e a cidade também é referenciada como um dos objetivos do fundação Cruzada São Sebastião, com isso: “Era preciso a sociedade ir a êles, para que êles pudessem integrar-se nela. Esse o grande serviço a que se proprunha a Igreja. Ela o havia planejado e nada a deteria” (Jornal A Cruz, 12/12/1959)

A iniciativa da Igreja Católica em trabalhar em favor dos pobres e das favelas está relacionada, primeiramente, a construção da questão da favela como problema social, que segundo alguns estudiosos, como Licia Valladares, começou a ser construído como tal ainda na década de 40.<sup>4</sup> Segundo, pelo temor de que nesses espaços pudessem se desenvolver o Comunismo, já que estes pobres encontravam-se abandonados a própria sorte sem ter quem zelar por eles.

Frente ainda uma tímida atuação do poder público para resolver a problemática, já que algumas ações governamentais demonstram que este estava mais preocupado em impedir o crescimento das favelas e até maquiá-las da paisagem urbana do que pensá-las como parte da estrutura urbana , algo que se faz presente frente ao próprio desenvolvimento da cidade.<sup>5</sup>

Uma vez que o poder público pensava a favela de forma isolada, se mostrou difícil achar uma solução adequada ao que se tinha por “problema social”. Assim, outros atores entram em cena para tentar resolver a problemática. Porém pensando a favela de forma diferenciada, partindo da noção de que esta precisava ser integrada a sociedade, fazendo os ajustes necessários para que seus habitantes deixassem sua condição de degradação física e moral e fossem incorporados a vida urbana. A Igreja Católica entra em cena, como o seguinte lema: “Urbanização, Humanização e Cristianização” dos favelados, que segundo Slob pode ser entendido como: “Uma ação educativa de

<sup>3</sup> Ver Simões , 2008.

<sup>4</sup> Ver Valladares, 2005.

<sup>5</sup> Ver Silva, M. 2012

humanização e cristianização no sentido comunitário, partindo da urbanização como condição mínima de vivência humana e elevação moral, intelectual, social e econômica.” (SLOB 2002, pág.27)

Segundo o Jornal, A Cruz, a Igreja Católica não se colocava como “rival” do Estado no “combate” ao “problema” favela e sim como parceira. Apesar de terem perspectivas diferenciadas sobre a favela e como deveria ser o possível “tratamento” para que esta questão pudesse ser resolvida. Dom Helder coloca que a iniciativa da Igreja conta com a parceria do Estado e que o mesmo, ao fazê-la, não estaria assumindo um possível fracasso frente a questão da urbanização, e sim somando forças com a construção de novas parcerias: “ Os órgãos oficiais estão muito mais sujeitos à quebra de continuidade administrativa e à impossibilidade prática de trabalhar, pelo emperramento da máquina burocrática; a iniciativa privada inspira confiança e obtém colaboração como não ocorre à iniciativa oficial.” (A Cruz, 12/12/1956)

Tal parceria é evidente quando analisamos o financiamento ocorrido para a construção do Conjunto Habitacional Cruzada São Sebastião, que contou com 50 milhões de cruzeiros doados pelo poder público, pelo então presidente Café Filho, e por 70 milhões arrecadados frente a doações de entes privados.<sup>6</sup>

### **A FAVELA DA PRAIA DO PINTO**

A Favela da Praia do Pinto foi a favela de maior atuação da Fundação Cruzada São Sebastião, sendo esta importante em nossa análise, pois será dela que virá grande parte dos moradores do então Conjunto Cruzada São Sebastião<sup>7</sup>

A Praia do Pinto surgiu em 1910 e seus primeiros moradores eram operários que trabalhavam nas obras do Jockey Clube e pescadores. Existem duas versões para a divisão da favela. A primeira diz que a favela foi dividida entre Praia do Meio, Praia do Mar e Favela da Lagoa. Por estar situada entre as imediações do Leblon e da Lagoa Rodrigues de Freitas, local onde os pintos tomavam banho, a favela ficou conhecida como Praia do

<sup>6</sup> Reportagem do jornal Jornal do Brasil, 28/03/1960.

<sup>7</sup> Ao menos nos anos iniciais de existência do conjunto.

Pinto.<sup>8</sup> A segunda refere-se à divisão entre Praia do Pinto, a Cidade Maravilhosa e o Largo da Memória.<sup>9</sup>

Antes de ser totalmente erradicada a favela chegou a ser parcialmente urbanizada pela instituição denominada Cruzada São Sebastião, sendo alvo também de um intenso acompanhamento através de outros órgãos ligados à Igreja como a Fundação Leão XIII.

“A Fundação Leão XIII, que já vinha há anos acompanhando cotidianamente a vida dos moradores da Praia do Pinto, possuía um acervo de fichas individuais onde registrava, detalhadamente, o estado de limpeza das casas, o número de ocupantes de cada barraco, os eventuais conflitos domésticos e entre vizinhos e os pedidos para a realização de melhorias nos casebres (que deviam ser aprovados pela instituição)” FREIRE,L; GONÇALVES,R; SIMÕES,S. 2010 , p. 110.

Os barracos da Favela da Praia do Pinto possuíam as seguintes características: a maioria era de um cômodo com telhado de zinco e piso de terra. Com essas averiguações, “Pode-se concluir desses dados que na Praia do Pinto havia muitas construções pequenas, quase todas residenciais, ocupadas por famílias pequenas. Segundo os dados do censo, a taxa de ocupação na favela da Praia do Pinto em 1942 era apenas 2,29” (SLOB, 2002, p.62).

A localização da favela também era algo estratégico e preocupante para as autoridades locais já que aquela área encontrava-se em pelo desenvolvimento:

“A favela estava situada em um bairro em pleno crescimento, onde a especulação imobiliária crescia a cada dia. O conjunto de favelas alcançou seu auge de crescimento nos anos 30 e 40, por causa da construção do Jockey Clube e do boom do mercado de bens imobiliários no Leblon nos anos 20, o qual gerara muitos empregos na construção civil. Além do mais, a extensão da linha de ônibus Jardim-Leblon até a Lagoa Rodrigo de Freitas fez com que os moradores das três favelas pudessem trabalhar em quase todos os lugares da Zona Sul”(SLOB, 2002, p.59).

A praia do Pinto foi crescendo e, desde a sua fundação em 1910 até a final a década de 60, já somava em torno de 10 mil habitantes. O crescimento da favela foi visto pela administração pública local como um grande problema a ser combatido, o que gerou medidas enérgicas que traziam como alternativa para o problema a remoção.

<sup>8</sup> Ver Brum, 2012.

<sup>9</sup> Ver Slob, 2002.

“A Praia do Pinto, segundo as autoridades à frente da remoção tornava-se e, no correr dos anos, foco de criminalidade e risco para a saúde pública”. Cabia então a ação energética do Estado a fim de resolver o problema: O objetivo imediato dessa remoção era o de liberar a área para obras de urbanização e saneamento da Lagoa Rodrigues de Freitas e a construção, no local, de edifícios residenciais, promovendo-se, antes a transferência dos favelados para novas moradias condignas. (BRUM, 2012, p. 113.)

Uma vez diagnosticada pelas autoridades como um foco de criminalidade e risco para a saúde pública da cidade, o Estado começou a elaborar a partir de Março de 1969 a remoção da favela:

“Começará amanhã o levantamento socio-econômico das 2.752 famílias que residem na favela da Praia do Pinto, como primeiro passo para remoção. Com esse fim a Secretaria de Serviços Sociais instalou o escritório de coordenação dos trabalhos de transferência, iniciando contatos para os principais líderes de associações da Praia do Pinto [...] A remoção ocorrerá dentro de 56 dias, a partir do levantamento socio-econômico, sendo os favelados enviados para os conjuntos residenciais Cidade Alta em Cordovil, e Cidade de Deus, em Jacarepaguá, bem como para habitações desocupadas nos parques prolétarios [...]” (Correio da Manhã 16/03/69 p.7).

Iniciado o processo da remoção e a inauguração dos conjuntos habitacionais da Cidade Alta e da Cidade de Deus, os primeiros favelados começaram a ser transferidos, porém alguns ainda resistiam ao processo, até que em 11/05/1969 a favela pega fogo deixando mais de 5.000 desabrigados.

De acordo com reportagem do Jornal do Brasil 800 barracos foram destruídos e 32 pessoas foram feridas, o fogo iniciou-se as 4 horas da madrugada se estendendo até as 10 horas. O vento em turbilhão, que a cada minuto mudava de direção, tornaram inúteis os esforços dos bombeiros, sendo grande aliado do fogo.<sup>10</sup>

O fogo, como percebemos na reportagem, se alastrou rapidamente, fazendo com que aqueles que resistiam tivessem que sair do local, já que o incêndio praticamente devastou todos os barracos. Em seu lugar, classificado pelas autoridades como tecnicamente impossível de ser urbanizado, foi construído um conjunto de residencial para classe média, chamado de Selva de Pedra.

<sup>10</sup> Jornal do Brasil, 12/05/1969, p.1.

Até hoje não se sabe ao certo as causas do incêndio na favela da Praia do Pinto, para muitos o incêndio foi criminoso, o que faz todo sentido, pois aquela área estava se tornando muito valorizada e objeto de cobiça dos empreendedores imobiliários. Em alguns estudos sobre o tema foi constatado que meses antes da favela pegar fogo já existia o projeto de construção dos prédios da Selva de Pedra:

“Qualquer que fosse a versão, àquela altura parecia que nada mais mudaria o destino do terreno de 105 mil metros quadrados onde a favela resistia, pois dois meses antes do grave acidente o Jornal do Brasil do dia 10 de maio de 1969 publicava o projeto do novo uso designado para a área da Praia do Pinto. O terreno já havia sido loteado por uma cooperativa habitacional e a Superintendência de Urbanização e Saneamento (SURSAN) já anunciava as obras de asfaltamento e construção das redes de esgotos e águas pluviais. Na mesma reportagem, o Chefe da Casa Civil do Estado da Guanabara, Carlos Costa, esclarecia que a remoção de todas as 2.752 famílias residentes na Praia do Pinto, e das 483 famílias residentes do Parque Proletário do Leblon– ou Centro Habitacional Social – CHS-3, situado na margem oeste da favela – para os conjuntos habitacionais Cidade Alta, em Cordovil, e Cidade de Deus, em Jacarepaguá, seria executada em até 40 dias” (SIMÕES, 2008, p. 199)

### CONSTRUÇÃO DO CONJUNTO HABITACIONAL

O Conjunto da Cruzada São Sebastião foi uma experiência inovadora dentro da construção de moradias populares. Primeiro, porque está contrariando a lógica do urbanismo tradicional, coloca pobres morando em áreas que possuem centralidade, onde encontra-se grande parte dos equipamentos e serviços urbanos instalados<sup>11</sup>. Segundo, porque as famílias que vieram da favela da Praia do Pinto permaneceram dentro do bairro do qual estas foram removidas, mudando-se apenas para um terreno contíguo aos terrenos da favela. O que preserva toda a questão dos laços com o lugar.<sup>12</sup>

Com a construção do conjunto habitacional visava-se a “transferência de 1325 famílias para os 10 blocos de apartamentos que deveriam ser construídos conjuntamente de toda uma rede de equipamentos, como, 1 creche, 1 jardim de infância, 1 uma escola primária e artesanal, 1 posto de saúde, 1 centro social, 1 mercadinho e 1 igreja.” (Jornal - A Cruz -12/12/1956)

<sup>11</sup> Por mais que o Leblon não fosse o que ele representa hoje (bairro elitizado) podemos dizer que já era um bairro que contava com uma certa infraestrutura e serviços.

<sup>12</sup> Ver Simões, 2008

O terreno de construção da obra foi cedido pelo prefeitura de acordo com informações do jornal católico “A Cruz”:

“O terreno em que estão feitas as construções sendo da Prefeitura, o regulamento assegurará o direito de habitação, mediante a condições de comportamento a salvaguardar e paga uma pequena taxa de conservação proporcional aos salários recebidos ; se um dia o terreno for cedido pela prefeitura, mediante condições a cumprir, haverá, de acordo com dispositivos especiais, previsto no Regulamento, possibilidade de adquirir propriedade, com algumas cláusulas resolutivas das quais as mais importantes são: a proibição de um indivíduo adquirir mais de um apartamento; a exigência de que a venda do apartamento, na hipótese de o proprietário querer realiza-la , só ser possível a ser feita à entidade responsável pelo conjunto. (Jornal - A Cruz -12/12/1956)

Como vimos acima não existia aquisição de propriedade privada pelos moradores do conjunto sendo concedido apenas uma benfeitoria. A aquisição de propriedade só se faz posteriormente, na década de 80, com então programa “cada família um lote” do governador do RJ Leonel Brizola.

As famílias transferidas para o conjunto tinham até quinze anos para quitar seus imóveis que variavam de preço segundo o tamanho. Os apartamentos menores (conjugado) custavam cr\$ 510 (já com as taxas), os apartamentos de um quarto cr\$ 770 (idem) e os apartamentos maiores de dois quartos cr\$ 980 (idem).<sup>13</sup>

Os pré-requisitos para aquisição dos apartamentos misturavam quesitos econômicos e morais como bem constatou Simões: “residir na favela pelo menos 4 anos, ser pobre, ser legalmente constituída ou enquadrada na moral natural e com alguma prole, não possuir membros marginais”. (SIMÕES, 2008, pág.176).

O pobre aqui só seria considerado apto a ir para o apartamento mediante a passar por todo um “tratamento” moral, que se dava dentro da favela da Praia do Pinto através da aquisição de comportamentos regidos por leis nas chamadas “Ordem dos Cavaleiros de São Sebastião”, “Ordem feminina das Legionárias de São Jorge” e “Ordem dos pequeninos de São Cosme e Damião”<sup>14</sup>, organizações que se prestavam para socialização do favelado e seu doutrinamento frente a vida em sociedade. Sendo assim o pobre deveria,

<sup>13</sup> Dados retirados da reportagem do Jornal do Brasil, 28/03/1960

<sup>14</sup> Ver Simões, 2008



além de passar um atestado de sua pobreza para que pudesse ser contemplado, atender ao mito do bom selvagem.

Porém, com a construção do conjunto habitacional da Cruzada São Sebastião em 1957, não ocorreu o fim da favela do Praia do Pinto, o que ocorreu só posteriormente devido a outros fatores externos, um terrível incêndio que devastou toda a favela.

### **O QUE OS JORNAIS DIZEM SOBRE A CRUZADA SÃO SEBASTIÃO**

O jornal é um importante veículo de comunicação, podendo ser um excelente formulador de representações sociais. Pensando nisso que resolvemos recorrer as reportagens de jornais e mostrar como estas falavam sobre o Conjunto da Cruzada São Sebastião.

Inicialmente as reportagens que pesquisamos (dentro de um recorte correspondente a década de 50) evocavam o trabalho da Fundação de mesmo nome do conjunto, mostrando quais eram os seus propósitos e quem eram seus idealizadores. Os periódicos católicos “A Cruz” e “A Ordem” são os mais recorrentes.

As décadas de 60, 70 e 80 são as que apresentam um maior volume de reportagens coletadas, sendo estas encontradas em sua maioria nos periódicos, “Diário Carioca”, “A Noite”, “Diário de Notícias” e “Jornal do Brasil”.

Em resumo, as notícias sobre o local estão relacionadas a representações estigmatizadas. Estigmas relacionados: a origem favelada de seus moradores<sup>15</sup>, ao endereço (conjunto representado como “locus de marginalidade e pobreza”), as formas de organização do espaço (“favela de cimento armado”<sup>16</sup>) e em relação ao “estilo de vida

<sup>15</sup> Estigma que permanece mesmo com a transferência desses moradores da favela para os apartamentos. O que demonstra que a questão do “ser favela” ultrapassa a questão da estrutura física do ambiente.

<sup>16</sup> A ideia de uso do termo “favela de cimento armado” denota que os moradores daquele conjunto estão desencaixados do bairro onde vivem. Pois apesar de estarem vivendo em apartamentos, ainda trazem consigo formas de organização do espaço que seriam característica a vida na favela (seu antigo domicílio). Já que estes se reapropriam do espaço segundo as suas próprias lógicas de “organização”. Dando funções diferenciadas a corredores e espaços externos segundo as necessidades de seus moradores. Processo onde “espaço público” e “espaço privado” se confundem; e fazendo surgir “puxadas” feitas encima de pontes e sobre os corredores, estabelecimentos construídos sobre a área comum do térreo dos prédios. Essa lógica mais “orgânica” é que faz seus moradores se diferenciarem do seu entorno, uma vez que este, se pauta por uma lógica “racional” onde existe, uma forma e função apropriada para cada coisa. Esta forma de organização orgânica é muita das vezes dada como sinônimo de “desorganização” seja para os moradores de fora como para os de dentro do conjunto, sendo mais um dos elementos constitutivos para atribuição do estigma no local.

diferenciado”<sup>17</sup> adotado por seus moradores de origem popular quando comparado ao seu entorno, ao bairro elitizado da Zona Sul carioca, o Leblon.

Para falarmos sobre estigma recorreremos a definição utilizada por Goffman: “ Situação do indivíduo que está inabilitado para a aceitação social plena”. Sendo esta definição podendo ser reforçada com o próprio conceito de Estigma existente na Antiguidade também presente na obra de Goffman, como algo que “ exalta a existência de um “escravo” de um “criminoso” – de uma pessoa que deve-se evitar o contato.

Em seu livro “ Estigma – Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada” Goffman apresenta 3 tipos de estigma; 1º relacionado a abominações do corpo, 2º a culpas do caráter individual e o 3º ao estigma tribal de raça, nação e religião – transmitido através da linhagem familiar.

O Estigma que recaí sobre as representações do conjunto não são pertencentes a um estigma ligado a deformações corporais que seria o primeiro tipo de estigma caracterizado pelo da autor. Ele estaria colocado entre o segundo tipo de estigma (desvio de caráter individual através da questão de desonestidade – figura do “criminoso” e do ladrão) e o terceiro tipo de estigma apresentado (estigma tribal de raça , nação e religião – principalmente porque esse tipo de estigma pode ser transmitido através da linhagem e contaminar por igual todos os membros de uma família). Que pode ser ilustrado através das representações que evocam os moradores como potencialmente criminosos, principalmente pela origem favelada da maioria desses moradores.

Porém uma nova forma de representação tem se desenhado no horizonte. Esta representação não mais carregaria o questão do estigma em seu cerne. Tal representação apresentada pelo jornal “O Globo” apontaria o Conjunto como um novo lugar de valorização imobiliária dentro do bairro do Leblon. Onde a Cruzada estaria sofrendo uma mudança de perfil com a chegada de novos moradores. Porém, quais seriam os impactos dessa mudança de perfil? Ela seria capaz de alterar uma representação que se tem sobre o local que é historicamente estigmatizado? E novamente, quais seriam os impactos dessa mudança de representação? O jornal aposta em gentrificação, ou seja, antigos moradores

---

<sup>17</sup> Estilo de vida diferenciado é evocado em comparação ao entorno – Uma atmosfera popular, onde as relações são pautadas por questão de personalidade e não da impessoalidade , que é características das grandes cidades e de seus condomínios fechados.

sendo expulsos de suas casas por um possível remoção via mercado, abrindo espaço para chegada de novos moradores de perfil socioeconômico diferenciado.

Será que existe mesmo esse fenômeno de gentrificação previsto pelo jornal? Ou esta é uma nova estratégia de promover uma certa valorização imobiliária daquele local abrindo portas então para esse processo “perverso”? Ainda é cedo para respondermos, porém é fato que os imóveis tem sofrido uma valorização<sup>18</sup> e que hoje se tem a entrada de agentes imobiliários dentro do conjunto, coisa que não ocorria em períodos anteriores.<sup>19</sup> E que essa se configura hoje uma das ameaças mais reais existentes dentro da Cruzada São Sebastião, localidade que historicamente tem sua presença vista como indesejada no bairro, sendo alvo constante de boatos de uma possível remoção, que se daria a qualquer momento, e que hoje, frente a seguridade de seus imóveis, só pode ser ameaçada através de uma retirada de cena via mercado.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRUM, M. Cidade Alta : (História, memórias e estigma de favela num conjunto habitacional do Rio de Janeiro)/Rio de Janeiro: Ponteio, 2012, 336p.

CANEGAL, A. Fronteira Urbana: Uma discussão sobre a relação entre Cruzada São Sebastião e o Leblon. *Desigualdade & Diversidade – Revista de Ciências Sociais da PUC-Rio*, nº 7, jul/dez, 2010, pp. 81-114.

FREIRE, L [et al]. A contribuição da Igreja Católica na transformação da habitação popular em problema público na França e no Brasil. *Cuadernos de Antropología Social*, Buenos Aires, n. 31, 2010.

GOFFMAN, E. Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar, 1978, 2ª edição. 158p

<sup>18</sup> Pelo acompanhamento realizado o valor dos imóveis aumentaram, tanto para locação quanto para venda. Um mesmo apartamento conjugado que em 2006 estava valendo R\$50.000 hoje está sendo avaliado em torno de R\$200,000 a 210,000. Os apartamentos maiores também acompanharam a tendência da valorização e hoje estão avaliados entre R\$300,000 a 350,000 (quarto e sala) e R\$450,000 a 500,000 (dois quartos). O preço dos aluguéis também subiram, um apartamento conjugado hoje pode ser alugado por R\$800 a 1000, quarto e sala R\$1300 a 1500 e dois quartos R\$2000 a 2500.

<sup>19</sup> O que ocorria em períodos anteriores era a prática do “boca a boca”, onde apartamentos eram alugados sem qualquer tipo de contrato formal, apenas um acordo “moral” entre as partes. Normalmente esse tipo de contrato era feito entre pessoas que se conheciam, como uma forma de evitar possíveis “calotes”. Hoje ainda existe esse tipo de contrato porém este divide espaço com contratos formais, viabilizados não só por proprietários em transações individuais mas também por imobiliárias que estão atuando no local.

SILVA, M. Os urbanistas e seu debate: reflexões sobre “Aspectos Humanos da Favela Carioca”. IN: Favelas Cariocas: Ontem e hoje; org. Mello, M [et al]. Rio de Janeiro: Garamond, 2012, 500p.

SILVA, T. A questão habitacional e seus agentes: Um estudo sobre os conjuntos Cruzada São Sebastião e Cidade Alta . Monografia de Especialização em Política e Planejamento Urbano, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

SIMÕES, S. Cruzada São Sebastião do Leblon: uma etnografia da moradia e do cotidiano dos habitantes de um conjunto habitacional na Zona Sul do Rio de Janeiro. Tese de Doutorado em Antropologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008.

SLOB, B. "Do barraco para o apartamento—a humanização ea urbanização de uma favela situada em um bairro nobre do Rio de Janeiro." Universidade de Leiden, Holanda (2002).

VALLADARES, L. A invenção da favela: do mito de origem à favela. Rio de Janeiro, FGV, 2005, 204p.

